



O PAPEL ATUAL DA PASTORAL ESCOLAR NAS ESCOLAS DA REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO

Tiago Becker
Mestre
Faculdades EST
tiagobk@gmail.com
Bolsista Capes
ST 01 – GT 01: Religião e Educação

Resumo: O presente artigo discute o papel da pastoral escolar nas escolas filiadas à Rede Sinodal de Educação – RSE. Por meio de uma exploração bibliográfica de documentos da RSE, de artigos, de livros e de demais trabalhos acadêmicos que tratam sobre o assunto, o texto contextualiza historicamente a temática e disserta a respeito de suas atribuições nas escolas nos dias atuais. Percebe-se que com o passar dos anos, houve um afastamento dos pastores e das pastoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB – das instituições de ensino luteranas. Enquanto que, em 1934, quase 70% dos pastores e das pastoras do Sínodo Rio-grandense estavam envolvidos com as escolas, no início do século XXI, menos de 1% deles possuía relações com o trabalho escolar. Inicialmente, havia uma ligação muito forte entre Igreja e escola, os estudantes provinham basicamente de famílias luteranas e os pastores costumavam ministrar as aulas. Atualmente, a grande maioria desses alunos e dessas alunas não são luteranos. A escola tornou-se um lugar de convivência de múltiplos credos e sentidos do sagrado. Esse fato também modificou o papel do pastorado escolar. De acordo com os pareceres atuais da RSE, a pastoral possuiu basicamente quatro atribuições: a escuta e o aconselhamento pastoral, a promoção da reflexão teológica-pedagógica, o estabelecimento de vínculos ecumênicos e inter-religiosos, sem proselitismo e nem discriminação em relação a não-luteranos e o zelo pela identidade luterana. O artigo conclui que, no presente momento, o pastor e a pastora escolar não podem atuar da mesma maneira que atuam na comunidade, visto que essas instituições possuem tarefas diferentes. Em uma instituição de ensino, a atribuição do pastorado consiste em estreitar o vínculo da escola com a IECLB observando sempre a oferta de educação de qualidade com base nos princípios evangélico-luteranos.

Palavras-chave: Pastorado escolar, educação evangélico-luterana, Rede Sinodal de Educação.

INTRODUÇÃO

A relação entre Igreja e escola é uma das características das 51 escolas que compõem a Rede Sinodal de Educação. Embora essas instituições sejam diferentes entre si e possuam maneiras próprias de ser, elas são unidas pela sua formação histórica, pelo vínculo comunitário e pela identidade luterana.

Nesse contexto, o pastor e a pastora escolar parecem ser capazes de manter essa relação entre Igreja e escola e conseqüentemente sua identidade luterana. Esse profissional está presente desde a fundação dessas instituições, no entanto, seu papel sofreu alterações no decorrer do tempo.

A escola luterana e o pastor

A formação das escolas comunitárias luteranas iniciou-se com a chegada dos imigrantes alemães na região sul do Brasil no ano de 1824. Já acostumados a um sistema de ensino na Alemanha e percebendo a falta de escolas na nova pátria, trataram de fundar por conta própria escolas comunitárias.

Essas instituições de ensino estavam fortemente ligadas à comunidade religiosa. O que demonstra a forte participação dos pastores e das pastoras. Para que seja possível compreender melhor essa relação entre pastorado e escola ao longo dos anos, Carlos Bock, pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, propõem a divisão histórica em quatro períodos. A primeira fase se estende de 1824 a 1864, a segunda de 1864 a 1938, a terceira de 1938 a 1968 e a quarta de 1968 até os dias de hoje (BOCK,2001, p. 90).

1824 a 1864: pastor-colono e professor-colono

Essa primeira fase diz respeito ao início da colonização. Vale ressaltar que nessa época, a situação na qual esses imigrantes luteranos se encontravam era de grandes dificuldades devido à falta do mínimo de infraestrutura. Não havia sequer profissionais aptos a realizar funções de professores e professoras e pastores e pastoras. Surge aqui o fenômeno pastor-colono e também

professor-colono (BOCK, 2001, p. 90). O pastor e o professor-colono tiveram a tarefa de alfabetizar os filhos e as filhas dos imigrantes, ensinar matemática básica e doutrinar as crianças na catequese. Ao mesmo tempo, utilizou-se o mesmo estabelecimento para o ensino e o culto.

1864 a 1938: pastor e professor alemão

A segunda fase é marcada por mudanças significativas que trouxeram novas perspectivas para as escolas evangélico-luteranas. Destaca-se aqui a chegada, a partir de 1864, dos primeiros professores e dos primeiros pastores alemães com formação para o sacerdócio e para a docência (BOCK, 2001, p. 91). A chegada desses profissionais demonstra por parte da Alemanha uma preocupação com a situação dos alemães no sul do Brasil. Foram enviados obreiros e criadas associações no país europeu que ajudam no trabalho da educação e da igreja no Brasil.

Até esse momento, as comunidades estavam isoladas uma das outras. Iniciam-se então a criação dos Sínodos. A principal função desses órgãos era serem “porta-voz das comunidades e defensores dos interesses comuns do povo evangélico” (FISCHER, 1986, p. 16). Os Sínodos apoiaram as escolas comunitárias, a associação de professores evangélicos, promoveram a fundação de mais escolas, principalmente as de segundo grau, e do centro de formação de professores primário.

O papel dos pastores continuou sendo fundamental. Eles fundaram escolas, trabalharam como professores e diretores. Em parceria com as famílias luteranas, foram responsáveis pela preservação da fé luterana, da cultura e do idioma. Além disso, tomaram medidas que forçaram os pais a enviarem seus filhos à escola. Por exemplo, não aceitavam no ensino confirmatório alunos e alunas que não fossem alfabetizados e negaram-se a realizar a benção matrimonial a quem não fosse confirmado. Essas atitudes colaboraram para o aumento no número de estudantes nas escolas (BOCK, 2001, p. 91).

1938 – 1968: a nacionalização e a queda da escola luterana

Essa terceira fase é marcada pela queda das escolas comunitárias luteranas. No entanto, esse período também se destaca pela consolidação de importantes instituições e da constituição da IECLB como igreja nacional.

Em 1938, iniciou-se um novo período no governo, o Estado Novo, e com ele o processo de nacionalização. A lei determinava que o ensino de Português, História do Brasil e Instrução Cívica deveria ser ministrado por professores brasileiros. Além disso, todo o ensino deveria ser em língua portuguesa. Em dezembro desse mesmo ano, uma nova lei proibiu a estrangeiros exercerem cargos de direção nas escolas e o uso da língua alemã foi proibida, inclusive nos intervalos (STRECK, 2005, p. 94).

Esse conjunto de normas, causou inúmeras dificuldades para as escolas. Muitos pastores alemães exerciam as funções de professores e de diretores. Das 513 escolas luteranas presentes antes do período da nacionalização, restaram apenas 120 em 1941 (BOCK, 2001, p. 92).

A realidade obrigou os luteranos a procurarem soluções. Iniciou-se um processo de criação de institutos que fossem capazes de suprir as necessidades e organizar as questões educacionais e confessionais. Foram fundados o Departamento de Educação, o Instituto Pré-Teológico, a Faculdade de Teologia e a Federação Sinodal (BOCK, 2001, p. 92). Em 1968, foi criada então a IECLB. Todas essas instituições foram importantes para garantir a educação das escolas comunitárias e adequar os luteranos à nova situação.

Essa fase ocasionou algumas consequências para a escola luterana e para a comunidade. Com o crescimento da escola pública, muitos estudantes deixaram de frequentar a escola comunitária paga e ingressaram no sistema público gratuito. O número de pastores vindos da Alemanha diminuiu e muitos chegaram a voltar para o seu país. Além disso, o pastor deixa de assumir a função de diretor e de professor e passa a se concentrar mais na comunidade que cresce devido a migrações internas, ao crescimento vegetativo da população e à crescente urbanização.

1968 até a atualidade: a escola luterana, uma escola de elite

A quarta fase tem sua marca na constituição da IECLB e num marcante distanciamento entre escola e comunidade. De acordo com Bock, as causas são de fundo econômico, político e teológico (BOCK, 2001, p. 93).

Muitos filhos e muitas filhas de luteranos deixam de frequentar as escolas comunitárias, pois não tem recursos suficientes para bancar os crescentes custos com educação e não há verbas

públicas disponíveis para tal. As escolas começam a ganhar características particulares e passam a atender não somente a população luterana, mas aquela que pode pagar as mensalidades.

As causas políticas estão ligadas à IECLB que acompanhou o discurso da Teologia da Libertação. A escola luterana que passa a ganhar o status de instituição particular voltada a elite começa a ser criticada. Por outro lado, pastores viam a escola como um espaço missionário. Como a instituição de ensino entende que sua tarefa é a educação, estabeleceu-se um conflito de ideias e objetivos.

A última causa de distanciamento diz respeito à falta de conhecimento por partes dos pastores e das pastoras na área pedagógica. O discurso teológico diferente do discurso pedagógico dificultava a relação dos pastores e das pastoras no meio escolar.

No final do século XX e início do século XXI, houve tentativas de aproximar o pastorado escolar da escola. Documentos da IECLB, da RSE e demais publicações dessas instituições fornecem importantes informações a respeito dos tipos de pastorados que podem ser encontrados atualmente e do seu papel diante da escola luterana no século XXI.

Os atuais modelos de Pastorado Escolar na Rede Sinodal de Educação

Embora o Departamento de Educação da IECLB considere apenas um modelo de Pastorado Escolar como oficial. Existem de acordo com Manfredo Wachs outros quatro modelos praticados atualmente (WACHS, 2001, p. 100). São eles o modelo de dedicação exclusiva, o modelo misto, o modelo comunitário, o modelo de acompanhamento e o modelo administrativo.

No modelo de dedicação exclusiva, considerado oficial pelo Departamento de Educação, o pastor e a pastora exercem a atividade em tempo integral com dedicação particular à escola. O aconselhamento pastoral, os cultos, os eventos e o acompanhamento do docente de Ensino Religioso ou a atuação nessa disciplina são realidades do pastor e da pastora. Por ser um integrante da equipe pedagógica é necessário que o pastor e a pastora tenham um bom conhecimento pedagógico o que pode ser um dos fatores mais desafiadores, pois sua formação não está voltada para essa área.

Já no modelo misto, o trabalho é exercido em tempo parcial na escola e na paróquia. Nos dois âmbitos, espera-se que a pessoa desenvolva as mesmas funções do profissional que tem dedicação exclusiva. Esse modelo pode levar a alguns complicadores. Um deles é a carga

excessiva de trabalho. Outro seria uma confusão nos objetivos das duas instituições. Dessa forma, o pastor e a pastora poderiam entender que o aumento de membros da comunidade pode ser uma tarefa da escola.

No modelo comunitário, a paróquia cede um pastor ou uma pastora para a instituição de ensino e acompanha suas atividades. Nesses moldes, o pastorado pode ser exercido de forma mista ou de dedicação exclusiva. Esse modelo permite uma qualificação do vínculo entre escola e comunidade. No entanto, Wachs alerta para dois perigos que podem surgir: a liderança paroquial pode ter o desejo de intervir administrativamente na escola, e, ao contrário, a escola pode tentar impor seu modelo administrativo (WACHS, 2001, p. 102).

O quarto modelo é denominado de acompanhamento. O pastor e a pastora atuam na paróquia e dedicam um período restrito de seu tempo à escola. As atividades do pastorado escolar tendem a se limitar nas celebrações e em poucas atividades bem delimitadas. Ele aparece como um paraquedista e pode assim ter dificuldades em reconhecer as peculiaridades do grupo. Ao mesmo tempo, esse distanciamento pode auxiliar na mediação de conflitos, pois o profissional não está comprometido com as tensões da instituição de ensino.

O quinto modelo não é reconhecido pelo Conselho de Educação da Rede Sinodal de Educação como sendo de pastorado escolar. Nesse modelo, o pastor ou a pastora ocupam um cargo de diretivo e administrativo, sendo assim o diretor ou a diretora do estabelecimento. Desta forma, ele acaba distanciando-se do pastorado.

No momento em que é discutido o tipo de pastorado escolar, é necessário lembrar qual o papel que a teologia exerce na escola luterana atualmente. Para Dorival Fleck, pode-se falar em uma “pedagogia luterana”. No entanto, ela só faz sentido se as pessoas puderem estabelecer um diálogo entre Pedagogia e Teologia (FLECK, 2010, p. 47). Não se trata aqui em ver como a Pedagogia pode colaborar para o crescimento da Igreja, mas como a Teologia pode qualificar o projeto pedagógico da instituição.

Da mesma forma, Gisela Streck afirma que uma “proposta pedagógico-teológica ou teológico-pedagógica deveria determinar o cotidiano e a ação pedagógica na escola confessional luterana” (STRECK, 2005, p. 137).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se no início a sua função a relação entre escola e paróquia era muito estreita, com o passar dos anos, foi ocorrendo um distanciamento entre essas duas instituições. Esse fato também foi responsável por afastar o pastor e a pastora da escola.

Atualmente existem diferentes modelos de pastorado escolar, embora apenas o pastorado em tempo integral seja considerado como oficial pela IECLB. A ideia de se sustentar um pastor escolar na instituição está diretamente ligada à tentativa de se manter a identidade luterana dessas escolas.

Essa identidade está na relação correta entre a Teologia e a Pedagogia. A centralidade na escritura orienta a identidade da escola, determina a sua proposta pedagógica e define seu papel na sociedade na qual está inserida. O pastor e a pastora escolar são úteis para a instituição na medida em que eles colaboram para o estabelecimento do diálogo entre Pedagogia e a Teologia.

REFERÊNCIAS

BOCK, Carlos Eduardo Müller. O pastorado escolar na origem das escolas evangélicas e o momento atual. In: FUCHS, Henri Luiz; KLEIN, Remi; WACHS, Manfredo Carlos. **O ensino religioso e o pastorado escolar**. São Leopoldo: Con-Texto Gráfica e Editora, 2001.

FISCHER, Joachin. Comunidades, Sínodos, Igreja Nacional: o povo evangélico de 1824 a 1986. In: **Simpósio de História da Igreja**: realizado em 22-24 de maio de 1986, em São Leopoldo. São Leopoldo: Rotermund/Sinodal, 1986.

WACHS, Manfredo Carlos. Pastorado Escolar: perspectiva e desafios de uma nova pastoral escolar. **Estudos Teológicos**, vol 41, n. 1, p. 94-114, 2001.

FLECK, Dorival Altair. **Manual**: entidades mantenedoras/Rede Sinodal. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO. **Textos Orientadores para a Educação Evangélico-Luterana**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

STRECK, Gisela I. Waechter. **Escola Comunitária**: fundamentos e identidade. São Leopoldo: Sinodal, 2005.